

PAULO PÔRTO



De Shakespeare a "Toda Nudez"

Há um ano, em seu primeiro contato com Nelson Rodrigues para assinatura do contrato da filmagem de **Toda Nudez Será Castigada**, Paulo Porto afirmava ao teatrólogo que não gostaria de encerrar sua carreira de ator sem ter interpretado ao menos um de seus personagens. Herculano proporcionou-lhe calorosos elogios. Entusiasmado com o que considerou o papel mais difícil de sua carreira, ele vai viver agora o segundo personagem de Nelson no filme "O Casamento", dirigido também por Arnaldo Jabor.

De início, Paulo Porto foi ator por acaso. Nascido em Muriaé, Minas Gerais, mas criado na Tijuca desde os seis anos ("não sei se esta distinção geográfica pode importar, mas, há alguns anos, isso entrava numa média de conceito e definição das pessoas"), aos 16 anos já lecionava português para o curso ginasial — sua família tinha um colégio — e aos 19 ingressava na Faculdade Nacional de Direito. Seu gênio expansivo levou-o à direção do departamento social da Casa do Estudante Universitário, onde fez o papel de Romeu, na peça de Shakespeare, que lançaria o Teatro Universitário do Brasil, criado por Paschoal

Maria Lúcia Rangel



Carlos Magno ("eu tinha a maior vergonha até de dizer que era candidato, quanto mais pensar em representar realmente").

E foi assim que Paulo Porto estreou em teatro interpretando o Romeu da Julieta-Sônia Oiticica. A peça, encenada no Teatro Municipal, obteve um grande sucesso. Daí para a estréia profissional foi um pulo. Ao lado de Procópio Ferreira, inaugurou o Teatro Serrador com o "Avarento", de Molière. Integrou posteriormente várias companhias, como as de Bibi Ferreira, Aimée, e a do próprio Procópio. Entre peças clássicas e modernas, nacionais e estrangeiras, participou de quase 200, incluindo um "show" em que cantava, dançava e declamava Vinicius de Moraes.

Por volta de 1940, Olavo de Barros levou-o para a Rádio Tupi. Estava começando a aparecer o rádio-teatro. Lembra que depois de fazer uma peça, estava contratado como artista exclusivo da rádio e, mais tarde, da televisão.

Na Tupi, Paulo Porto ficou até 1963. Nesse período fez teatro e cinema. No cinema se destacou em **Asas do Brasil**, **O Homem Que Passa**, **O Dominó Negro** e **Milagre do Amor**, todos sob a direção de Moacyr Fenelon.



Paulo Porto, ator-diretor de *Em Família*: cena com Fernanda Montenegro.

Mas a televisão jogou-o dentro de sua engrenagem ("quando me dei conta estava apresentando "misses" no *Maracanãzinho*"). Todavia Paulo Porto conseguiu escapar e passou a dedicar-se exclusivamente ao cinema. "Optei pelo cinema porque gosto de ter um contato direto com tudo que faço. O filme me fez sentir também mais artista, porque como diretor tenho um trabalho de recriação diária. Você cria quando executa o filme, durante a montagem, quando escolhe a estrutura musical e no acabamento. É uma sedução constante, com uma força muito grande, porque o sucesso ou o fracasso já estarão marcados na lata antes da exibição."

Em 1965 estreou como produtor em **Um Ramo para Luíza**, com direção de J. B. Tanko. Depois vieram **Fome de Amor**, de Nelson Pereira dos Santos, **A Penúltima Donzela**, de Fernando Amaral, **Os Herdeiros**, de Carlos Diegues, **O Bravo Guerreiro**, de Gustavo Dahl. "Foi quando apareci realmente como ator" — diz — "surpreendendo quem não acompanhava meu trabalho."

Sua opinião é de que sua carreira aconteceu como um reflexo natural. O público tomou

conhecimento do seu trabalho em fases diferentes e em planos diversos. Mas faz questão de frisar que não tem esquemas e nem planeja nada: "As coisas vão acontecendo e se, amanhã, eu me chatear com o cinema, deixo-o tranqüilamente, como já deixei o magistério, o rádio e a televisão."

Os 20 anos de cinema não lhe tiraram a emoção de um novato quando dirigiu seu primeiro filme, **Em Família**, baseado na peça de Oduvaldo Viana Filho, onde foi também ator e roteirista. O filme conquistou Medalha de Prata do Festival Internacional de Moscou, além de ter sido indicado, em todas as categorias, para receber a Coruja de Ouro do INC, tendo premiado o "melhor ator" (Rodolfo Arena) e o "melhor montador" (Rafael Velverde), e obtido o Prêmio de Qualidade.

Por isso, está acostumado a competir. A Coruja de Ouro veio encontrá-lo tranqüilo e a consagração com prêmios, assim como o sucesso financeiro de um filme, não são as coisas que mais o preocupam: "O fato de ter conseguido vários prêmios através de atores dirigidos por mim já me recompensa demais."

Talvez até mais entusiasmado com o prêmio recebido por Darlene Glória de que com o seu,

Paulo Porto explica que foi ele quem lembrou o nome da atriz a Arnaldo Jabor, assim como o de Elza Gomes (Coruja de Ouro como melhor coadjuvante), que tinha feito o mesmo papel no teatro.

No escritório de sua firma cinematográfica, Ventania, Paulo exibe o prêmio recém-recebido e brinca com o apelido que recebeu dos colegas, "Avô Coruja", porque, junto com o troféu, veio "prêmio maior, os dois netos gêmeos", Marcos e Gabriela: "Este, sim, foi um prêmio que veio tarde. Acho que a natureza vai ensinando às pessoas o que elas necessitam e eu estava precisando tratar com crianças menores." Contrabalançando a vida agitada, ele gosta de descansar na casa grande, comprada há tempos. Trabalhou na Zona Sul e convive com a família na Zona Norte. "O trabalho de ator é um trabalho basicamente como outro qualquer. Nunca achei que, para ser um grande ator, deva estar em evidência. O ator é endeusado, comentado, ridicularizado, em função daquilo que ele faz."

"Não foi o mais importante, mas o mais complexo." Assim Paulo Porto se refere ao personagem Herculano, com quem confessa

Paulo Porto e
Adriana Prieto
na comédia
A Penúltima
Donzela,
de Fernando Amaral.





Paulo Porto em *Fome de Amor*, de Nelson Pereira dos Santos.

não se identificar em nada: "O meu comportamento seria totalmente diferente do dele. Apenas as amarras que todos nós trazemos de família eu talvez tenha também. Alguns problemas de retaguarda, como diz Carlos Heitor Cony. Mas não os apresentados no filme — uma certa ligação com problemas de família e Herculano mascarando algumas atitudes em função disto. Eu tenho outros."

A sua identificação vem com determinadas faixas de personagens e isto ele sente desde que interpretou, na televisão, algumas peças de Dostoiévsky. Relembra "Crime e Castigo" e "O Idiota" que, na época, foram as criações que lhe deram maior satisfação. Acredita até que existe um paralelismo entre Nelson Rodrigues e o autor russo, guardando-se as proporções, época, lugar, distância. A força dramática, a criação dos personagens, em sua opinião, talvez tenham alguma coisa de idêntica. Tanto em "O Idiota" como em "Toda Nudez Será Castigada", seus papéis eram repletos de potencialidade dramática, muito humanos, contraditórios. E é nestes papéis que ele confessa se sentir melhor, "embora já tenha feito — e ainda faça — muitas comédias".

Achando fundamental que o ator tenha liberdade de criar seu personagem, Paulo Porto só aceitou participar do filme de Labor depois do que considera que foi "um namoro" seu com o diretor. Depois de estar inteiramente consciente de suas identidades. Esse mesmo respeito que existiu entre ator e diretor ele mantém em relação aos atores dos filmes que dirige e produz. O fato de ser produtor não implica necessariamente sua participação nos filmes. Agora mesmo ele se prepara para lançar, com produção e direção suas, *As Moças Daquela Hora*, um filme que apresenta "o problema da coação à liberdade da mulher, mostrado muito surrealisticamente, nas tomadas de cenas, com muita cor". São três histórias distintas, mas interligadas.

Neste meio-tempo, Paulo já está entrando no processo de criação do próximo personagem que irá interpretar, baseado no romance "O Casamento". "Às vezes, a expressão de uma pessoa na rua é identificada com o papel e, à medida que você vai lendo e digerindo, começa a ter uma visão quase física do personagem. Fica inteiramente ligado a ele, psicológica e fisicamente."